

dução foi trazida da Paraíba para divulgação em livro na edição que demorou um pouco a sair.

Cumprе ainda notar que a pobreza não era tão grande como se alega. Deslembra-se Francisco de Assis Barbosa de haver dito na sua pouco feliz introdução ao *Eu* que Augusto dos Anjos andara cogitando de comprar uma casa no Rio para acomodar a família e tinha ainda a intenção de mandar buscar para a sua companhia uma irmã solteira que ficara morando na Paraíba.

O dinheiro não resolveria jamais os problemas que Augusto trazia na alma. Logo, a invocada razão de pobreza poderia a outrem causar amarguras, menos a êle. Todos sabemos que Cruz e Sousa morreu acabrunhado por ver os filhinhos de mãos estendidas sem ter com que lhes mitigasse a fome. Essa dor tão acerbа deixou vertida em mais de uma composição, mas em Augusto ninguém aponta um verso que aluda a necessidades materiais.

\* \* \*

Um outro conterrâneo ilustre, J. Flóscolo da Nóbrega, meu saudoso confrade na Academia Paraibana de Letras, escrevera certa vez que Augusto era um cerebral, escravo do raciocínio frio. Estranhei essa afirmativa por me parecer de todo insustentável. Fôsse Augusto um cerebral teria encontrado satisfação na filosofia racionalista e não viveria, como viveu, em eterno conflito com as suas percepções sensoriais.

Mas o meu amigo Flóscolo da Nóbrega não admitia ser retrucado, principalmente por mim. Deixou passar algum tempo e eis que escreveu a *Sombra do Eu*, livrinho saído pelo Departamento Cultural da Universidade da Paraíba, 1965, só para sustentar o cerebralismo de Augusto. Vê, portanto, no cerebral, de fontes afetivas ressequidas, a feição abstrativa da sua poesia, filtrada pelo intelecto e tematizada nas especulações do cientificismo. Esse livro foi escrito com endereço a mim, embora o meu nome não apareça citado uma única vez.

Não sei como conciliar coisas tão divergentes. O cerebral tem que ser por força um racional e Augusto estava longe disso. Quem age pela razão tem que subordinar tôdas as suas paixões ao raciocínio, sem sentimentalismo, sem impulsos do coração, porque as emoções da alma são incompatíveis com o comando do cérebro.